

De Volta a Decápolis

(Marcos 7:31–8:21)

Joe Schubert

A cura do geraseno endemoninhado em Marcos 5 ocorreu em Decápolis, um território gentio especialmente conhecido pelas suas dez cidades. Em Marcos 7:31–8:21, Jesus voltou a essa região determinado a ensinar e pregar. Nosso Senhor entrou nesse território somente duas vezes durante o Seu ministério conforme o que foi registrado na Bíblia.

O SURDO E GAGO

(7:31–35)

Marcos 7:31–35 diz:

De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até ao mar da Galiléia, através do território de Decápolis. Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele. Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: Efatá!, que quer dizer: Abre-te! Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente.

A situação desse homem era bastante lamentável. Ele era surdo e muito gago. A Bíblia diz que ele era “surdo e gago”, sua língua tinha um “empecilho”. Marcos diz que Jesus o chamou à parte para curá-lo. Deve ter sido movido por uma terna consideração pelo homem que Jesus o tirou do meio do povo e tratou dele em particular. Jesus pôs os dedos nos ouvidos dele e lhe tocou a língua com saliva. Depois, virou o rosto para os céus, suspirou e pronunciou a palavra aramaica “efatá”, que significa “abre-te”. Imediatamente o homem pôde ouvir e falar desembaraçadamente.

Esse foi realmente um fato extraordinário. Hoje em dia, quando um surdo fica curado, só depois de um tempo ele é capaz de falar porque precisa aprender a falar. Esse homem, porém, foi curado instantaneamente; ele começou tanto a ouvir como a falar de imediato.

Cristo rapidamente tomou medidas para

evitar o uso indevido desse grandioso milagre. Nos dois versículos seguintes, Jesus ordenou-lhes que nada dissessem a ninguém.

Mas lhes ordenou que a ninguém o dissessem; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam. Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos (vv. 36, 37).

Jesus falou à multidão, recomendando-lhes que nada dissessem a ninguém. Na língua grega, o verbo no tempo presente ativo aqui usado denota que Jesus *ficou falando* para eles não espalharem essa notícia. Mas a Bíblia diz que “quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam”.

A razão para o Senhor ter feito esse pedido era evitar que surgisse uma ênfase especial no Seu ministério. Jesus, em todo o Seu ministério, sempre quis a todo custo evitar ser conhecido como um operador de milagres. A missão e o ministério de Jesus tinham uma dimensão muito mais profunda do que simplesmente a operação de milagres. Ele não queria que as pessoas fossem vê-lo simplesmente para contemplar grandes maravilhas.

A MULTIDÃO DESESPERADA

(8:1–10)

O relato de Marcos 7 muda para o capítulo 8 sem uma pausa natural. Marcos 8:1–10 diz:

Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos e lhes disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer. Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; e alguns deles vieram de longe. Mas os seus discípulos lhe responderam: Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto? E Jesus lhes perguntou: Quantos pães tendes? Responderam eles: Sete. Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças,

e os deu a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo. Tinham também alguns peixinhos; e, abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos. Comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes recolheram sete cestos. Eram cerca de quatro mil homens. Então, Jesus os despediu. Logo a seguir, tendo embarcado juntamente com seus discípulos, partiu para as regiões de Dalmanuta.

Há semelhanças entre esse relato de Marcos 8 e a multiplicação miraculosa para os cinco mil homens em Marcos 6. Mas o ponto importante a ser observado é que há diferenças. Dois capítulos atrás, Jesus alimentara cinco mil, aqui Ele alimentou quatro mil homens. A alimentação dos cinco mil acontecera em território judaico. Esta, a alimentação dos quatro mil, passou-se evidentemente em território gentílico, a região de Decápolis, a região das dez cidades. Na alimentação dos cinco mil havia cinco pães; aqui, na alimentação dos quatro mil, houve sete pães. Na alimentação dos cinco mil havia dois peixes; aqui Marcos diz que havia simplesmente alguns peixinhos. Na alimentação dos cinco mil sobraram doze cestos cheios de comida após todos se fartarem; aqui foram recolhidos sete cestos cheios de sobras. É interessante que a palavra grega para “cesto” é diferente nos dois relatos. Na primeira multiplicação em Marcos 6, a palavra para cesto é *kofinos*, que descreve o cesto em que os judeus tradicionalmente carregavam alimentos. Era um cesto mais largo no fundo do que nas bordas, cujo formato lembrava o de um cântaro. Era um típico cesto de alimentos judeu. Em Marcos 8, a palavra traduzida por “cesto” é *sfuris*, que descreve uma espécie de cesto grande e é o mesmo tipo de palavra usada quando Paulo desceu pelos muros de Damasco num cesto, em Atos 9. Tratava-se de um típico cesto gentílico que era diferente do cesto judeu tanto no formato quanto na finalidade de uso. Não deve, portanto, haver dúvidas de que se tratavam de dois incidentes separados e distintos com dois públicos diferentes, um judeu e o outro, gentio, ocorrendo em dois locais diferentes.

Existem semelhanças também entre os dois milagres. Pão e peixe foram o alimento em ambos os casos. Jesus multiplicou milagrosamente os elementos em ambos os casos.

A pergunta que se pode fazer é: “Por que Ele repetiu esse tipo de milagre?” Talvez parte da resposta seja que Ele estava fazendo aos gentios o que fizera anteriormente aos judeus. Ele queria ensinar aos gentios as mesmas lições ensinadas

aos judeus, para que Seus próprios discípulos entendessem que a Sua missão e mensagem incluía gentios e judeus.

Marcos, porém, esclarece muito bem que esse milagre de alimentar os quatro mil foi realizado basicamente por causa da compaixão de Jesus pelo povo. Fazia três dias que aquela gente estava com Ele sem nada comer. Era óbvio que estavam com Ele na esperança de ver um milagre. Ficaram por ali três dias à espera de ver algo que os deixasse maravilhados. Exatamente como Jesus previu, quando as pessoas da região saíram e falaram da cura do surdo e gago, a notícia espalhou-se por todas as cidades e as pessoas afluíram aos milhares para ver Jesus. Era justamente esse extremo que Ele estava tentando evitar.

Embora Marcos não o diga, provavelmente, o Senhor ensinou à multidão durante aqueles três dias. Presumo que Ele tenha ensinado ali algumas das mesmas mensagens anteriormente ensinadas ao público judeu. Mas eles não se satisfizeram com o ensino do Mestre, ficaram ali mais tempo, na esperança de ver um milagre.

Três dias depois, a multidão estava reconhecendo que tinha de voltar para casa. Jesus hesitava em dispensá-los simplesmente porque eles não tinham o que comer. Ele receava que tivessem um colapso no meio da viagem de volta. Jesus de fato não queria operar mais milagres, para que as pessoas não compreendessem mal o propósito do Seu ministério e da Sua missão. Todavia, Ele realizou ali mais esse milagre por causa do coração compassivo que Ele tinha; um coração que não agüentava ver aquelas pessoas famintas saírem sem ter o que comer.

Esse incidente ocorreu numa margem longínqua do mar da Galiléia, em Decápolis, onde Jesus anteriormente havia curado o endemoninhado em Marcos 5. Na única outra ocasião em que Jesus esteve ali, o povo pediu que Ele Se retirasse. Ficaram contrariados quando seus porcos foram destruídos, o que também indica tratar-se de um território gentio, pois os judeus não criavam porcos. Ao mesmo tempo em que o povo pediu que Jesus Se retirasse dali, o endemoninhado curado implorou que Jesus lhe permitisse viajar com Ele e segui-lo. Ao que Jesus respondeu: “Não. Fique aqui entre a sua gente e conte-lhes o que aconteceu com a sua vida. Eu vou embora. Vou atender ao pedido deles, mas quero que você fique para lhes contar o que aconteceu com você”. Não seria possível que parte da numerosa multidão de milhares ao redor de Cristo estivesse ali

por causa da atividade missionária desse endemoninhado curado?

A EXIGÊNCIA DOS FARISEUS (8:11–13)

No versículo seguinte do texto o tom da narrativa muda à medida que os fariseus, tradicionais inimigos de Jesus, chegam para dar início a uma discussão. Em Marcos 8:11–13, lemos:

E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu. Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum. E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.

Os fariseus eram os religiosos críticos do primeiro século, inclinados a julgar e condenar. Toda vez que eles aparecem nas páginas do Novo Testamento, ou estão colhendo dados para usá-los contra Jesus ou estão tramando a destruição dEle.

O que eles queriam dessa vez? Queriam um sinal miraculoso do céu. Não estavam satisfeitos com os milagres de cura que Jesus fizera até aquele momento, movido por amor. Os milagres de Jesus eram respostas genuínas a necessidades humanas. Todavia, não houve rajadas de trovões, nem raios cintilando o céu, nem fogo do céu, nem mensagens escritas no céu. Em vez disso, eram simples milagres de amor suprindo uma necessidade humana.

Isso não era o bastante para os fariseus. Eles queriam um sinal físico, tangível, nos céus, que indicasse que Jesus era verdadeiramente o Messias. Toda a tendência da era em que Jesus viveu era procurar Deus em fatos anormais. Criam que quando o Messias viesse, os acontecimentos mais surpreendentes e abaladores aconteceriam. Quando se levantavam falsos messias, como era comum acontecer no primeiro século, eles atraíam as pessoas para os seguirem prometendo todo tipo de sinais surpreendentes. Os fariseus chegaram ali querendo ver algum acontecimento extraordinário, algo resplandecendo no horizonte, que desafiasse as leis da natureza e causasse a admiração de todos.

Mas Jesus recusou-Se totalmente a fazer isso. Não porque Ele não pudesse fazê-lo — Ele podia —, mas porque ele *não faria* o que eles queriam. Pelo menos, Ele não lhes daria o tipo de sinal que estavam buscando, não da maneira que queriam nem para o propósito que tinham em mente. Nenhum montante de provas pode convencer uma pessoa que já moldou a sua mente para não crer. Jesus sabia que, àquela altura, os fariseus

estavam absolutamente longe de crer. Todos os sinais do mundo de nada valeriam. O Senhor recusou-Se a dar qualquer sinal àqueles homens porque Ele conhecia os seus corações.

No relato paralelo desse incidente em Mateus 12, ele faz um registro completo da resposta de Jesus aos fariseus. Em Mateus 12:39 e 40, ele narra que Jesus, em Sua resposta aos fariseus, disse:

Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra.

Em outras palavras, Jesus disse aos fariseus: “Nenhum sinal lhes será dado, exceto o sinal da ressurreição. Estarei enterrado três dias e três noites e depois ressuscitarei. Esse será o sinal que terão”. Apesar disso, sabemos pela leitura do registro inspirado que, mesmo quando Jesus ressuscitou dos mortos, os fariseus se recusaram a aceitar aquele sinal e não creram porque seus corações estavam determinados a não crer. Quando o coração de um homem está contra a verdade, não importa quantas provas sejam trazidas para convencê-lo, ele não será convencido. Jesus disse: “Nenhum sinal lhes será dado”. Ele partiu daquela região, deixando-os na sua cegueira e incredulidade obstinada.

O RETRATO DA CORRUPÇÃO (8:14–21)

O próximo parágrafo de Marcos 8 começa com as palavras:

Ora, aconteceu que eles se esqueceram de levar pães e, no barco, não tinham consigo senão um só. Preveniui-os Jesus, dizendo: Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes. E eles discorriam entre si: É que não temos pão (vv. 14–16).

Este é um parágrafo estranho. Parece que a resposta dos discípulos à afirmação de Jesus não faz sentido algum. E não faz mesmo, a menos que olhemos com cuidado para o contexto que a desencadeou. Esta passagem irradia verdadeira luz nas mentes dos discípulos. O significado dela é melhor observado se for diretamente relacionado com o que acabou de se passar antes. Enquanto atravessavam o pequeno mar da Galiléia num barco, Jesus ainda estava pensando no que acabara de acontecer. Ele ainda estava pensando naquela visita dos fariseus. Ele também ainda estava aparentemente pensando na reação do rei Herodes a Ele mesmo e à Sua missão. Por

isso, Jesus virou-Se para os discípulos no pequeno barco e disse: “Cuidado, pessoal. Cuidado com o fermento dos fariseus e de Herodes”.

Para os judeus, o fermento era o símbolo do mal. O fermento era associado à corrupção. Jesus estava realmente dizendo aos discípulos: “Cuidado com a corrupção de conceitos e vidas dos fariseus e de Herodes. Cuidado com a influência maligna. Não trilhem o mesmo caminho que eles já trilharam”.

Qual a ligação entre os fariseus e o rei Herodes? Os fariseus haviam pedido um sinal porque os judeus eram incapazes de pensar no Messias sem associá-lo a sinais e maravilhas celestiais e uma vitória nacionalista de Israel. Herodes, por outro lado, tentara encontrar a felicidade obtendo poder, riquezas, influência e prestígio. Num sentido, tanto os fariseus como Herodes aderiram ao conceito do reino de Deus ser um reino terreno de poder, pressão e força. A visão deles baseava-se em poder terreno, grandeza física e vitórias conquistadas somente pela força.

Através dessa discreta dica de Jesus aos discípulos, Ele já estava tentando prepará-los para algo que viria em breve. Era quase como se Ele estivesse dizendo: “Ouçam, homens. Logo vocês cairão em si e verão que eu sou realmente o Messias. Quando essa hora chegar, não cometam o erro fatal que os fariseus, Herodes e outros judeus cometeram presumindo que eu sou um líder terreno e político. Esses conceitos são corruptos. Eles são como fermento. São malignos. Tomem cuidado. Não caiam nesse tipo de pensamento ou não perceberão o tipo de Messias que eu realmente sou”.

Mas a dica de Jesus fez os discípulos pensarem em outra coisa. Eles pensaram em nada menos que o fato de terem levado apenas um pão e que, a menos que algo extraordinário acontecesse, ficariam com fome durante a travessia do mar. Poucas horas atrás, esses mesmos discípulos assistiram a Jesus alimentar quatro mil homens, além de mulheres e crianças, com apenas sete pães. Estavam tão preocupados com o fato de terem esquecido completamente o pão que não perceberam a idéia de corrupção nos conceitos que os fariseus e Herodes tinham. Eles disseram: “O senhor deve estar dizendo isto porque não temos pão”. O fermento e o pão estão de certo modo indiretamente ligados, mas é de fato necessário força física para juntá-los. Essa era a única ligação que os discípulos conseguiam fazer. Eles estavam preocupados com as coisas físicas a ponto de não perceberem a mensagem que Jesus estava tentando ensinar.

Jesus propôs aos discípulos uma série de oito perguntas muito discernentes. Ele não perguntou com raiva, mas como quem tenta conduzir uma criança de aprendizado lento a enxergar uma prova auto-suficiente da verdade. Os versículos 17 a 21 dizem:

Jesus, percebendo-o, lhes perguntou: Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido? Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvis? Não vos lembrais de quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam eles: Doze! E de quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes? Responderam: Sete! Ao que lhes disse Jesus: Não compreendeis ainda?

Quase podemos sentir a ternura na voz do nosso Senhor ao perguntar: “Não compreendeis ainda?”

Essa pergunta foi primeiramente endereçada aos discípulos, mas ela também se aplica a nós. Jesus ainda está nos encarando hoje e dizendo: “Vocês não entendem? Vocês não se lembram?” Pense nas experiências pelas quais você já passou na sua vida. Veio a tristeza, mas você conseguiu vencê-la. Veio a tentação, mas você permaneceu firme. A doença o derrubou, mas você se recuperou. Um problema que parecia insolúvel acabou sendo resolvido. Você chegou a crer que estava tudo acabado, mas conseguiu prosseguir. Chegou ao ponto de falência, mas aquele não foi o fim. Se nós como cristãos apenas nos lembrarmos de tudo isso, descobriremos a fé existente em nossos corações que sabe que o Deus que nos levou até aquele ponto em segurança nos fará suportar qualquer coisa que nos acontecer nos anos vindouros. Por isso, a pergunta de Cristo aos discípulos também se dirige a nós: “Vocês ainda não entendem? Não se lembram?”

CONCLUSÃO

Que Deus ajude cada um de nós a crer num nível muito profundo que Ele é completamente suficiente para cuidar de todas as nossas necessidades. Lembremo-nos das palavras de Paulo em Filipenses 4:19: “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades”. Esta é a lição que Jesus estava tentando ensinar aos discípulos em todo esse episódio, e eles demoraram tanto para aprender. É a mesma lição que Ele está tentando ensinar a cada um de nós, e nós, assim como eles, demoramos tanto para aprender. ✦